

A grande chance
de 11 musicistas
desconhecidos

PÁGINA 4



Amos Gitai leva
suas polêmicas às
telas de Veneza

PÁGINA 10



A sedução dos
frangos fritos à
moda oriental

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

O Rei manda flores

Às vésperas de gravar mais um especial de fim de ano para a Globo, Roberto Carlos leva ao Qualistage show batizado com o nome de sua canção mais recente

Por Affonso Nunes

O ditado popular nos ensina quem “quem é rei nunca perde a majestade”. E lá se vão anos que Roberto Carlos foi corado como o artista soberano da nossa música. O cantor e compositor mais romântico do Brasil se apresenta neste sábado e domingo (31 e 1) no Qualistage, mas nem adianta tentar comprar ingresso, pois eles se esgotaram

há mais de um mês. O show foi batizado pelo artista como “Eu Ofereço Flores”, mesmo nome do single lançado por ele em novembro - a primeira gravação de Roberto em estúdio após o fim da pandemia, e que vai embalar aquele momento tradicional de seus shows em que distribui rosas para a plateia.

“Olhares e Sorrisos / Me dão o que preciso / Sentir nesses momentos / No coração e na alma / O aplauso que me acalma / É alívio aos sofrimentos / E olhando pra vocês / Eu vejo esses sorrisos / Que Enfeitam minha vida”, canta

o Rei nesta nova canção, uma ode de agradecimento a todo o carinho recebido de seu público fiel há décadas.

Falando em décadas, 2024 está cheio de novidades e feitos a celebrar pelo Rei. Seu especial de fim de ano, uma tradição na TV Globo, completa 50 anos. O artista prepara-se também para novas turnês pela Europa e pelos Estados Unidos, país que o colocou no ranking da Global Concert Pulse, como um dos 30 artistas de maior público naquele país, ao lado de nomes como Elton John, Cher e o grupo de rock Kiss.

Seus números impressionam: mais de 70 álbuns lançados no Brasil entre discos de carreira, EPs, compilações, coletâneas e projetos; 11 DVDs; uma média de 10 mil pessoas por shows; mais de 100 discos lançados no exterior; centenas de discos de ouro, platina e diamante; mais de 150 milhões de produtos vendidos (CDs, DVDs, Eps, Blu Rays).

Compondo tanto sozinho quanto ao lado do eterno parceiro Erasmo Carlos (1941-2022), Roberto consolidou um gênero musical que consegue ser elabora-

do e simples, refinado e objetivo, fazendo do seu estilo algo único e sem perder sua essência ou se descaracterizar, alcançando, a cada lançamento, excelentes números de vendas e acessos no streaming, sempre lotando casas de espetáculo, arenas e estádios.

SERVIÇO

ROBERTO CARLOS - EU OFEREÇO FLORES

Qualistage (AV. Ayrton Senna, 3000 - Via Parque Shopping) 31/8 e 1/9, sábado (21h) e domingo (20h)
Ingressos esgotados



Roberto Carlos se apresenta neste sábado e domingo no Qualistage. Os ingressos estão esgotados há mais de um mês

Divulgação

As harpas **estão de volta!**

XIX RioHarp Festival promove uma segunda etapa durante todo o mês de setembro

O XIX RioHarpFestival 2024, o maior festival de harpas do mundo, volta retoma sua programação em setembro no Centro Cultural Banco do Brasil RJ e outros espaços culturais deste domingo até 30 de setembro. Serão ao todo 44 concertos em 30 dias, todos com entrada gratuita. Nessa segunda parte, em o evento conta com a participação de aproximadamente 80 músicos de diversos países, incluindo harpistas da Rússia, França, Argentina e Índia, que participam do G20 e também, da Áustria, Croácia, Líbano, Peru e Venezuela, de uma pianista de Cuba e renomados artistas brasileiros.

A abertura, neste domingo (1), às 13h, será marcada pelo renomado harpista russo/suíço



Alexandre 'Sasha' Boldachev abre a programação

Alexander Boldachev, também conhecido como Sasha Boldachev, com clássicos internacionais e acompanhado da Camerata do Uerê, da Comunidade da Maré numa feliz integração entre orquestras comunitárias e músicos internacionais.

Além de Boldachev, são destaques da programação os instrumentistas Claire Le Fur et

Les Alizes trazendo uma combinação vibrante de música francesa e da Martinica; e Edith Gastteiger, da Áustria, apresentando um repertório de clássicos europeus. Do Japão, o Trio Fujima Nippon faz uma apresentação envolvente com o koto, a tradicional harpa japonesa, assim como os Tambores do Japão, acompanhados pelo harpista brasileiro Alessandro Aguiar, ofe-

recem um recital inovador.

A edição deste ano conta ainda com os músicos Muso N'Goni e Mukanya, que surpreendem o público com a Kora, uma harpa africana de 12 cordas, do oeste africano e o Calabash, prometendo um concerto rico em percussões e efeitos únicos. Outra atração imperdível é o Coral Vozes da África, sob a regência de Luis Lima apresentando músicas e hits em zulu e inglês, como o tema do "Rei Leão" e outras. O "Vozes da África" é um coral composto de brasileiros, que cantam músicas africanas e músicas ligadas à África. Também se apresentam artistas renomados como Walter d'Harpa (Argentina), o Duo Amancaes (Peru), Shiva-Gita (Índia), Al Nur Kibir (Líbano) e uma colaboração especial entre a pianista Marialy Pacheco (Cuba) e o harpista Jesús Suarez (Venezuela). Os músicos brasileiros têm presença marcante, com performances do Duo Alessandro Aguiar e Pierre Jatobá, a harpista Giovana Sanches, a Orquestra de Ukeleles, Barbara Cunha, Rafael Deboleto, Victor Freitas, Gelton Galvão, Grupo Lenda Celta e Allegro Trio de Harpas.

SERVIÇO

XIX RIOHARP FESTIVAL

De 1 a 30/9 | Programação completa: <https://l1nq.com/Pr1pX>

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Leo Aversa/Divulgação



Dois Franciscos

Parceiros na música e na vida, o casal Francis e Olivia Hime apresenta neste sábado (31) no palco do Sobernao, em Itaipava, o show "Dois Franciscos", espetáculo construído a partir das canções de Francis, um dos Franciscos, e de Chico Buarque - uma das grandes parcerias da história da MPB. Idealizado por Olivia, o show estreou nos palcos em 2022, marcando os 50 anos de "Atrás da porta", primeira parceria desses dois Franciscos.

Divulgação



Muito suingue

Personalidade marcante, timbre de voz singular a interpretar um caldeirão de ritmos, inúmeros sucessos. Esta é Sandra Sá, que se apresenta no Teatro Rival Petrobras nesta sexta (30). Com sua mistura de MPB, soul, samba e funk, Sandra coloca o povo para dançar com seu repertório recheado de clássicos de sua carreira, como "Retratos e Canções", "Vale Tudo", "Joga Fora", "Bye Bye, Tristeza" e "Olhos Coloridos".

Jay Nonso/Divulgação



Talento autoral

Figura destacada da novíssima MPB, a cantora e compositora Mahmundi se apresenta neste sábado, às 17h, no projeto "Encontros Acústicos" da Casa Museu Eva Klabin. Acompanhada de um músico no violão e na guitarra, a artista - que em 2019 foi indicada ao Grammy Latino - interpreta canções autorais e releituras de forma intimista, dando destaque à beleza das letras e às melodias de seu repertório.

Lana Pinho/Divulgação



Sempre amigos

Formada pelos amigos Tales de Polli (voz e violão), Felipe Sousa (guitarra), Fernando Gato (baixo), Diego Andrade (percussão) e Fabinho Araújo (bateria), o Maneva conquistou seu lugar de destaque no reage nacional. A banda paulista acumula mais de 10 premiações e 1,5 bilhão de streams nestes 19 anos de estrada. O quinteto se apresenta neste sábado (31) no Vivo Rio, com show de abertura do cantor e compositor Gabriel Elias.

Jorge Aragão relembra os grandes momentos de sua vitoriosa carreira nesta sexta no Vivo Rio

Uma noite de **SUCESSOS**

Uma das grandes vozes autorais do samba carioca, o cantor e compositor Jorge Aragão apresenta seus maiores sucessos no palco do Vivo Rio nesta sexta-feira (30). Sua carreira ultrapassa chega a quase 50 anos, tempo contado a partir do seu primeiro samba gravado: “Malandro” (uma parceria com Jota-bê, gravada por Elza Soares, em 1976).

Mas a contagem de Jorge na estrada é mais antiga, vem da época que tocava em bandas e bares no subúrbio carioca. Figura carismática e querida tanto do público quanto da comunidade do samba, Jorge faz parte, com orgulho, da turma que fundou o Grupo Fundo de Quintal, seguiu carreira solo e hoje conta com uma discografia de mais de 20 álbuns.

Compositor, letrista, músico e intérprete, Jorge está por trás de muitos sucessos “Eu e Você Sempre”, “Lucidez”, “Moleque Atrevido”, “Deus Mandá”, “De Sampa a São Luiz”, “Alvará”, “Malandro”, “Vou Festejar”, “Enredo do Meu Samba”, “Coisa de Pele”, “Terceira Pessoa”, “Amigos... Amantes”, “Do Fundo do Nosso Quintal”, além de uma “versão para cavaquinho” da clássica “Ave Maria” de Gou-



Yves Lohan/Divulgação

Jorge Aragão teve seu primeiro samba gravado por Elza Soares em 1976. A canção era ‘Malandro’

nod; da vinheta “Globeleza” (feita para a TV Globo) e “Coisinha do Pai” (a canção que em 1997 “acordou” um robô da Nasa em Marte).

Além da gravação de “Malandro” por Elza Soares, Jorge Aragão foi interpretado por grandes nomes da MPB como Beth Car-

valho, Alcione, Leci Brandão, Ney Matogrosso, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, Dona Ivone Lara, Jorge Vercillo, Emilio Santiago, Negritude Jr., Exalta Samba, Art Popular, Elba Ramalho, Jair Rodrigues e outros.

Jorge foi o homenageado da quinta edição do “Sambabook”. O projeto (que já retratou a obra de João Nogueira, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila e Dona Ivone Lara) divulgou a obra do poeta do samba através de depoimentos, entrevistas, fotos e claro, muita música. Suas composições ganharam nova roupagem nas vozes de intérpretes como Seu Jorge, Ivan Lins, Beth Carvalho, Diogo Nogueira, Zeca Pagodinho, Alcione, Elza Soares, Luiz Melodia, Lenine, Maria Rita, Martinho da Vila, Baby do Brasil e Anitta.

Com sua banda, Jorge já se acostumou a apresentações com públicos de milhares de pessoas, mas ele passeia muito bem também num ambiente intimista - característica que faz dele um dos mais artistas brasileiros mais requisitados tanto aqui quanto no exterior. Suas turnês anuais tem parada certa na Europa, África e Estados Unidos. Mas nesta sexta ele quer é sentir o calor do público carioca.

SERVIÇO

JORGE ARAGÃO

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) 30/8, às 21h
Ingressos a partir R\$ 90 (meia) e R\$ 160

Do forró ao jazz, Moyseis Marques mostra toda sua versatilidade no novo show ‘Baile de Quintal’

Com o traquejo de quem construiu toda uma trajetória artística se apresentando na noite, ele adquiriu a devida intimidade (e legitimidade) para cantar o forró pé-de-serra, o samba, ou o jazz com a mesma desenvoltura e desembaraço. E é trazendo toda essa experiência a seu favor que o cantor e compositor Moyseis Marques apresenta seu novo show “Bailes de Quintal”, uma mistura de todas essas influências, no palco intimista do Manouche nesta sexta-feira (30), a partir das 21h.

“O ‘Baile de Quintal’ é um velho sonho meu, de fazer música com liberdade, com todo o background do músico que me tornei. Todo mundo é fruto de suas andanças”, explica o músico que, ao longo de sua carreira, participou de diversos projetos musicais como o Casuarina, Forró na Contramão e Tempero



Elena Mocagatta/Divulgação

O que vier, **ele traça**

“O Baile de Quintal é um velho sonho meu, de fazer música com liberdade, com todo o background do músico que me tornei. Todo mundo é fruto de suas andanças”

Carioca antes de se aventurar na carreira solo.

Amparado pelos tarrnibados Rafael Mallmith (violão, guitarra e direção musical), Luis Louchard (contrabaixo) e Gabriel Guenther (bateria), Moyseis ataca de violão, cavaquinho, berimbau, tamborim, voz, carisma e sua habilidade habitual de pincelar clássicos da MPB com arranjos personalíssimos, suas composições e releituras que já estão na boca do povo, como “Panos e Planos” (Luiz Carlos Máximo/Moyseis Marques), “Madeixa” (Moyseis Marques/Vidal Assis) e “Nomes de Favela” (Paulo César Pinheiro) e a diversidade cultural presente nos ijexás, canções, baiões, xotes e sambas de todas as bossas e vertentes.

SERVIÇO

MOYSEIS MARQUES - BAILES DE QUINTAL

Manouche (Rua Jardim Botânico, 83, - subsolo da Casa Camolese) 30/8, às 21h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)

Um time pronto para brilhar

Projeto seleciona 11 músicos para treinamento e apresentações em grandes salas de concerto

A noite desta sexta-feira (30) será especialíssima para 11 instrumentistas que, apesar de experientes, nunca tiveram a chance de fazer parte de grandes orquestras. Os músicos, todos do Rio, foram selecionados para participar da Camerata Concertante, projeto que dá oportunidade para que músicos desconhecidos tenham a oportunidade de participar de treinamentos de alto desempenho e se apresentar para o grande público em salas de destaque. O concerto inicial do projeto será no Teatro de Câmara da Cidade das Artes Bibi Ferreira.

Ao longo dos próximos seis meses, os músicos irão participar de ensaios e apresentações mensais na cidade do Rio. A iniciativa, criada pela pianista Simone Leitão, Doutora em Piano e Performance pela University of Miami (EUA), desafia cada um dos 11 instrumentistas a apresentarem a excelência de seu trabalho com participações como solistas em formato de música de câmara.

“É como se cada um deles fosse a peça de um quebra-cabeça. Todos os onze são essenciais e poderão brilhar de forma única dentro de



Divulgação

Simone Leitão, Daniel Guedes e os músicos selecionados para o projeto

uma mesma sinfonia. As grandes orquestras são necessárias para o pertencimento sinfônico, mas o músico precisa de um espaço de experimentação e de performance

menor, que o desafie a uma postura e entrega mais solista, afinal, a música sinfônica nasceu da música de câmara”, comenta Simone.

O projeto é inspirado na Aca-

demia Jovem Concertante, uma orquestra itinerante e de impacto nacional, voltada para o público de jovens musicistas ainda em formação, também idealizada

pela pianista. O formato da Camerata é diferente da orquestra, é sem maestro. Daniel Guedes, violinista, maestro e professor da UFRJ, irá apenas guiar o grupo a partir do violino.

“Dessa vez queremos alcançar com a Camerata músicos num estágio avançado, mais experientes. Sabemos que a carreira musical não é fácil, e muitos desistem ao longo do percurso profissional. Queremos dar espaço para nossos grandes talentos, já lapidados, que só precisam de oportunidades”, explica Simone.

O projeto terá duração de seis meses e conta com o patrocínio exclusivo dos Correios e do governo federal. Nessa primeira edição, o repertório celebra grandes mestres da música Barroca, como Vivaldi, Bach, grandes nomes brasileiros, assim como obras inéditas escritas para o grupo.

SERVIÇO

TEMPORADA OS ONZE
Teatro de Câmara da Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas, 5.300, Barra da Tijuca)
30/8, às 20h
Ingressos entre R\$ 15 e R\$ 40.

CRÍTICA / DISCO / MADRUGADA ATÉ O FIM

O viajante avoengo

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trago um álbum que me pegou de jeito: “Madrugada Até o Fim” (YB Music), do contrabaixista, compositor, escritor e artista plástico Manu Maltez. Para celebrar seus 25 anos de carreira, ele lançou o trabalho com várias pinturas suas que, como ele diz, “envolvem o período da meia-noite à alvorada”.

Antes de continuar, permitam-me explicar melhor o talento de Manu Maltez para as artes gráficas: Manu é filho de Hélio de Almeida, um artista gráfico e designer importante para o jornalismo brasileiro. Quando de sua morte em 20 de julho deste ano, Hélio, inclusive, foi homenageado por Ruy Castro com um belo texto.

Voltemos a “Madrugada Até o

Fim”. Produzido por Caê Rolfsen, o projeto do filho do Hélio é desafiante: obras de arte inspiradas, amei-as todas; assim como amei cada música e me deixei levar por seus caprichos, tamanha a beleza entrevista a cada aurora do meu ouvir.

“Antes da Minha Hora” (Manu Maltez): o violão chama, Maltez vem. A cantora Alessandra Leão está com ele. A percussão puxa o cavaquinho e o baixo, tocados por Caê Rolfsen. Suingue puro. A bateria de Thomas Harres marca o tempo no prato. Maltez lança a voz garganta a fora.

Com arranjo rítmico de Caê, “Qualquer Assombração” (Manu Maltez) tem o violão de Manu repetindo um desenho. Baixo, synth



Divulgação

bass e a percussão de Caê aceleram a parada. A rabeca de Rafa Barreto dá seu som à música. A gloriosa Assucena se junta a Maltez e suas vozes alastram a composição por cima do ouvinte, que gagueja: “O qué qué isso?” Falso de mentiras, Maltez faz delas verdades críveis.

“Madrugada Até o Fim” (Manu

Maltez): Tratando-os com paixão fascinante, Maltez toca violão e piano. Caê junta o seu piano ao de Maltez, baralha os sons, que, sampleados, somam-se ao cavaquinho – esse Caê é fera! O cello de Yaniel Matos pontua entre a cantoria. Maltez canta os versos como se fossem os donos de seus sonhos e os oferece à madrugada que molda sua arte.

“Reptiliana” (Manu Maltez e Lourenço Mutarelli): após recitar um texto inicial, Mutarelli se achem a Manu. Produzida por Caê, com arranjo de Maltez e dele, a canção tem a agilidade da viola de 10 cordas do produtor agregada aos seus baixo e piano, realçados por sua percussão. O piano de Thaís Nicodemo é a cereja do bolo que a

todos alimenta.

“Fabulando” (Manu Maltez) se destaca pelo clarinete de Maria Mange Valencia. Envolta em reverb, a voz de Manu brilha – canta bem o cara!

“As Canções Foram Feitas Por Quem Não Dormia” (Manu Maltez): o tambor inicia. O violão aproxima Maltez e sua voz vem sob o sample que instiga o cavaquinho e dá solidez à música. O piano de Thaís Nicodemo amplia o horizonte sonoro.

Ora, Manu Maltez é um poço de múltiplas opções: das mãos vem o tato para o inimaginável; da voz jorram os ais da vida; da alma desabrocham cores incomuns.

Já a madrugada, que encobre o sol e oferta estrelas ao mundo, ele leva nas costas.

*Vocalista do MPB e escritor

**bistrô
sesc**

Um prato cheio para os amantes da boa culinária.

O Bistrô Sesc chegou à edição de 2024 do Rio Gastronomia com muito sabor e um menu exclusivo. Para dar aquela temperada no evento, preparamos um cardápio especial com pratos de cada unidade e que você vai poder experimentar. Essa é uma oportunidade imperdível de conhecer um pouquinho do sabor de todos os bistrôs em um só lugar, já que cada um deles conta com menus únicos e assinados por diferentes chefs.

O Rio Gastronomia acontece do dia 15 de agosto a 1º de setembro, no Jockey Club Brasileiro.

E para não ficar com aquele gostinho de “quero mais”, você também pode conhecer o **Bistrô Sesc** e experimentar o melhor da arte culinária nas nossas quatro unidades:



- Flamengo - Rua Marquês de Abrantes, nº 99.
- Centro - Rua Primeiro de Março, nº 1.
- Teresópolis - Av. Delfim Moreira, nº 749. Várzea.
- Petrópolis - Rua Joaquim Rolla, nº 2. Quitandinha.

sesc

Um encontro de campeões

Roberto Seton/Divulgação



Marcos Caruso e Isabel Teixeira levam beleza em montagem de texto da saudosa Jandira Martini

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há muitas conjecturas sobre o que é a vida, pois a sua finitude é a nossa única certeza. Minha mãe dizia ao nos acordar para escola: “Vamos andar porque a morte é certa”. O nome de filme “Da Vida Nada Se Leva” e a própria idéia de que, em algum dia, as cortinas se fecham para sempre. Esse poderia ser o tema de “Jandira, Em Busca do Bonde Perdido”, uma oportunidade rara de ser ver três super talentos em cena ao mesmo tempo. Marcos Caruso na direção

Marcos Caruso e Isabel Teixeira: ele dirige a atriz no solo ‘Jandira - Em Busca do Bonde Perdido’, texto da saudosa atriz e dramaturga Jandira Martini, morta este ano



e Isabel Teixeira atuando sobre texto de Jandira Martini (1945-2024).

Jandira Martini foi artista de clareza ímpar. No programa “Persona” confessa que não teve esse apelo pelo teatro desde sempre. “A maioria das pessoas falam que desde criança sentiam essa vontade. Eu não sentia nada”, revelou. “Em Santos havia muito teatro amador e por ser um porto, as companhias estrangeiras paravam ali. Meu pai me levava por-

que naquele tempo, as crianças iam. E o que achei interessantíssimo no teatro e que pode ter me influenciado é porque achei um truque. O teatro é um truque. É como o mágico. O espectador sabe que é mentira, mas ele se encanta”, completa.

Jandira Lúcia Lalia Martini nasceu em Santos em 1945 e morreu em janeiro desse ano, foi uma completa pessoa de teatro, com mais de 50 anos de carreira dedi-

cados à TV, ao teatro e ao cinema, acumulando também trabalhos como autora, diretora e produtora nos anos seguintes.

Inspirada em sua própria jornada pessoal e dedicação ao teatro, a atriz e dramaturga Jandira escreveu seu último texto. E é ela própria quem define: “Um monólogo sobre uma situação imprevista, surpreendente. Uma atriz que se revela, diante de seu público, ao narrar, com humor, sua inesperada e assustadora experiência. Auto ficção? Sem dúvida. Um stand-up? Seria, se fosse cômico. E cômico não chega a ser. Nem trágico. Apenas dramático.”

A peça convida o público a um passeio pelas memórias mais marcantes da autora através de um texto direto, enxuto e coloquial, evocando os blocos carnavalescos da cidade de Santos - sua terra natal -, as descobertas da infância, momentos dramáticos, a vida dedicada ao teatro.

“Uma corajosa exposição. Uma improvável abertura de sentimentos de uma das pessoas mais fecha-

das que conheci. Uma peça que fala de uma dor de todos nós, com um grau elevado de bom humor e poesia. O convite da Mesa2 e dos filhos de Jandira me permite continuar ao lado dela num ciclo iniciado em 1984 que resultou em muitas peças de teatro, roteiros de cinema, novelas e séries para TV. Uma escrita vitoriosa. Um grande acerto foi convidar Bel Teixeira. Bel respira e transpira Teatro. Bel é Jandira”, celebra Marcos Caruso, o diretor

Isabel retribuiu a gentileza. “Caruso e Jandira são atores que escrevem. A cada dia vivido nos ensaios dessa peça, percebo que a parceria de uma vida continua e que eles ainda estão escrevendo juntos e se divertindo com isso. E agora (como atriz) faço parte dessa escrita, assim como toda a equipe da peça, celebrando a vida de uma atriz, a cena, o teatro, a vida”, comenta.

Filha do cantor e compositor Renato Teixeira, Isabel é também dramaturga e pesquisadora e diretora formada pela Escola de Arte Dramática da USP, tendo iniciado a carreira de atriz aos 10 anos em uma peça infanto-juvenil. Pouco mais tarde fundou a Companhia Livre de Teatro, onde ganhou indicação ao Prêmio Shell de Melhor Atriz em 2002. Na TV ganhou visibilidade nacional ao emprestar seu talento ao papel de Maria ‘Bruaca’ no remake de “Pantanal” (Globo), um fenômeno de audiência.

O encontro de Isabel, Caruso e Jandira poderia ser uma coincidência, se não fosse a magia do teatro ou de Dioniso. O deus que festeja o vinho, as festas e o teatro é capaz de demonstrar que a vida vale ser vivida quando nos presenteia quando a força da alegria das festas com anfitriões de primeira ordem. Salve a vida, a magia, a festa! Salve Jandira, Caruso e Isabel!

SERVIÇO

JANDIRA, EM BUSCA DO BONDE PERDIDO
Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52/2º piso)
Até 1/9, às sextas e sábados (20h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Roberto Seton/Divulgação

CRÍTICA / TEATRO / A MENINA ESCORRENDO DOS OLHOS DA MÃE

Nem Freud explica

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A psicanálise, ainda que as pessoas se refiram, e muito, ao Complexo de Édipo, também tem uma importante referencial sobre a relação mãe e filha. Para Freud (1856-1939), a mãe será definida como Outro onipotente ao qual a menina está inexoravelmente ligada em sua pré-história. Mas para Jacques Lacan (1901-1981), ela pode ser uma devastação para a filha. A mãe e seu amor (ou sua impossibilidade) são elementos essenciais

para abordar o feminino.

“A Menina Escorrendo Pelos Olhos da Mãe” com o acerto do texto de Daniela Pereira de Carvalho e primorosa direção de Leonardo Netto, mostra, ao contrário do conceito corrente de “minha mãe, minha melhor amiga” a relação no ponto exato em que ocorre. A mãe, uma inimiga disfarçada no pretenso amor materno, é incapaz de sair de sua casca, mesmo quando tenta não construir uma relação narcísica.

As duas atrizes Guida Viana e Silvia Buarque trocam de geração, mas permanecem no lugar de mãe e filha. A interpretação



Nil Caniné/Divulgação

Guida Viana e Silvia Buarque se revezam nos papéis

de Guida é transbordante na duvidade da mãe e Silvia é a filha que tenta se negar, mas fracassa,

cuja atuação nos mostra esse papel incapaz de se erguer.

O cenário, o figurino, a ilu-

minação são o perfeito suporte para a história fechada em diálogos que não se troca e nem se escuta. Elisa (Guida), aos 70 anos, reencontra depois de muito tempo sua filha Antonia (Silvia Buarque) com 50. Passados 20 anos, a mesma Antonia, já aos 70 (agora vivida por Guida), conhece a sua filha perdida, Helena (agora vivida por Silvia), aos 50.

Além da enorme tristeza de se ver que as relações se repetem em todos os seus impasses, a peça, um belo tapete de retalhos de rara sutileza, nos prova que a história se repete como farsa.

SERVIÇO

A MENINA ESCORRENDO DOS OLHOS DA MÃE

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 - Botafogo)
Até 29/9, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

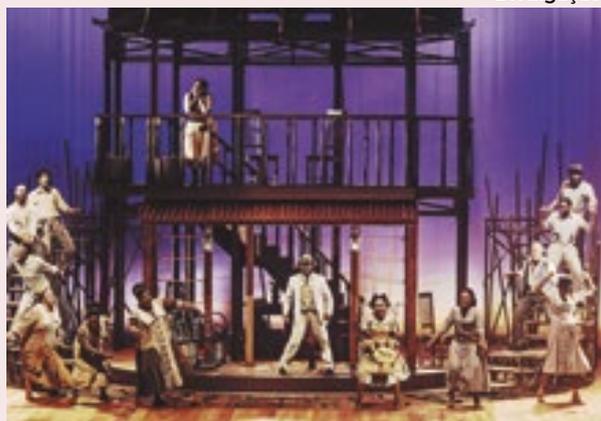
NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Lirismo em cena

Com texto inédito de Renata Mizrahi — vencedora do Prêmio Shell em 2015 por “Galápagos” —, “O Poeta Aviador” faz curtíssima temporada no Teatro Domingos Oliveira, no Planetário. A direção da montagem leva a assinatura da autora e de Priscila Vidca, com quem Renata celebra 11 anos de parceria. Juntas, elas têm no currículo peças premiadas e de sucesso, como Gabriel Só Quer Ser Ele Mesmo, Silêncio!, “Vale Night” e “Os Sapos”, que ganha este ano uma versão para o cinema com Thalita Carauta no elenco.

Dalton Valério/Divulgação



Divulgação

Não ao racismo

Após três temporadas de sucesso, a superprodução “A Cor Púrpura”, que coleciona centenas de indicações e prêmios importantes, retorna em curta temporada e a preços populares até 28 de setembro no reaberto Teatro Carlos Gomes. Baseado no livro de Alice Walker, a adaptação brasileira, dirigida por Tadeu Aguiar e produzida por Eduardo Bakr, aborda temas como opressão, empoderamento feminino, racismo e a importância da resiliência e da solidariedade na superação de traumas. Além disso, celebra a luta por liberdade e igualdade, o que faz dele necessário e atemporal.



Divulgação

Dose dupla no Recreio

O Teatro Moral da História, o primeiro teatro de rua do Recreio dos Bandeirantes, recebe, neste fim de semana “Desfazendo Ideias”, stand up com Felipe Ferreira e “Os Saltimbancos” (foto). O humorista viral nas redes sociais conta suas vivências de cria da Pavuna. Já o clássico de Chico Buarque é a história de quatro animais maltratados por seus donos que se unem para dar um novo rumo às suas vidas. Durante essa busca, o Jumento encontra no caminho seus companheiros de jornada e, então, resolvem montar um quarteto musical.

SHOW**GEORGE ISRAEL**

*O saxofonista apresenta versões inéditas dos grandes sucessos do Kid Abelha, que compôs com Paula Toller e Leoni. O repertório também contará com músicas de Cazusa, de quem foi parceiro. Sex (30), às 22h30, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1906). A partir de R\$ 60

VICTOR BIGLIONE & MARCOS ARIEL

*Os músicos celebram 30 anos de amizade e parceria em show com o repertório do álbum de 1994 que marca o início da parceria entre os artistas. Hotel Vila Galé (Rua do Riachuelo, 124 - Lapa). Sex (30), às 21h30. R\$ 60 e R\$ 50 (anticipado)

BLACK ALIEN

*O rapper chega ao Circo Voador para duas noites (sex e sáb) em show com seus maiores sucessos. Sex e sáb no Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). Abertura dos portões: 20h. Esgotado

TRIO JANAJU

*Jaime Alem e as irmãs Nair e Jurema de Cândia exploram seu belo timbre vocal em repertório atemporal, dos anos 60 aos dias de hoje. Sex (30), às 21h, no Soberano (Estr. União e Indústria, 11.000, Itaipava). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

TEATRO**EM NOME DA MÃE**

*Solo com Suzana Nascimento ressignifica a história de Maria e os preconceitos por ela sofridos numa sociedade patriarcal. Até 29/8, qua e qui (20h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel 804, Glória). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

DICAS PARA SOFRER EM PAZ

*Encenada por Lulu Carvalho, a comédia fala sobre como não se desesperar nesses tempos de cultura de superdesempenho. Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Até 15/9, de qui a dom (19h). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

UM SÓ

*Apenas um participante sairá vitorioso e terá sua vida transformada. Esta é a premissa do espetáculo em cartaz no Estúdio FilmIn (Rua São Clemente, 104 - Botafogo). Até 15/9, sáb e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).



George Israel

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Dalton Valério/Divulgação



Dicas Para Sofrer em Paz

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

*Durante um período em que vão cuidar de um rebanho numa montanha, dois caubóis acabam se envolvendo afetivamente num encontro que marcará suas vidas. Até 26/9, qua e qui (20h). Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

SENHORITA JULIA ENTRE 2 MUNDOS

*Adaptação do clássico do sueco August Strindberg conta a história de um romance impossível entre a filha de um conde e um criado. No Brasil de 2024, o diretor Henrique Pinho provoca a temporalidade do texto. Até 31/8, sex e sáb (21h), na Cia dos Atores (Rua Manuel Carneiro, 12 - Lapa). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Divulgação



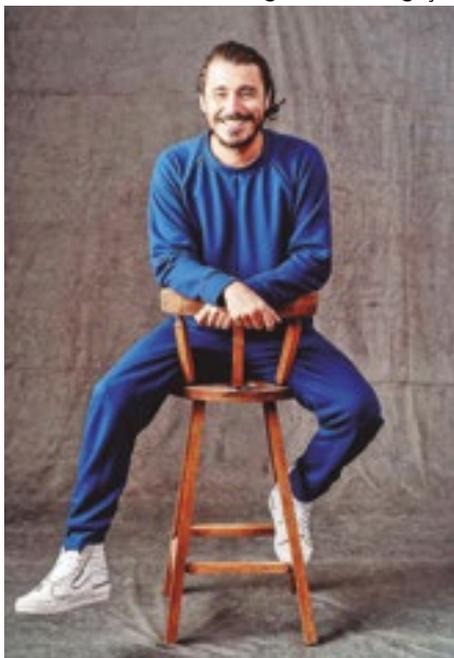
Trio Janaju

Divulgação



Arte de Código Aberto

Guga Millet/Divulgação



Gui Albuquerque

PORTÁTIL

*Como foi que os seus pais se conheceram? Esta pergunta desencadeia a trama deste espetáculo de improvisação com Luciana Paes, Gregorio Duvivier, João Vicente de Castro e Gustavo Miranda. Até 1/9, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 60 e R\$ 120

FURDUNÇO DO FIOFÓ DO JUDAS

*Carregado de brasilidade, o enredo viaja até o interior do Nordeste para contar a história de quatro mulheres, prostitutas e donas de um bordel, que recebem a visita de um forasteiro que vai abalar as estruturas do cabaré. Até 1/9, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17, Centro). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Divulgação



Black Alien

Divulgação



Rio: Fantasma, Máscaras e Territórios

KYSHA E MINE: TÔ DE FÉRIAS

*Campeã de audiência no YouTube, a dupla leva seu musical ao Teatro Popular Oscar Niemeyer (Rua Jornalista Rogério Coelho Neto, Niterói) Dom (1), às 17h30. R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

EXPOSIÇÃO**ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE**

*Um mergulho no universo multifacetado de uma das mais influentes artistas brasileiras do século 20. Até 8/9, ter a dom (10h às 19h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Grátis

RIO: FANTASMAS, MÁSCARAS E TERRITÓRIOS

*Resultado de uma residência artística, a exposição ocupa todos os andares do Futuros – Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo) com videoinstalações sobre o Rio criadas por duplas de artistas e pelos cineastas Cao Guimarães e Paz Encina. Até 1/9, das 11h às 20h. Grátis

ARTE DE CÓDIGO ABERTO

*O artista visual Vamoss liberou os códigos de suas obras digitais para permitir a interação dos visitantes por meio de QR Code. Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40). Até 25/10, de seg a sex (10h às 18h). Grátis

SOBREPOSIÇÕES

*Nando Paulino apresenta pinturas com formas e cores que se fundem para transmitir ao espectador os estados emocionais da condição humana. Até 8/9, de qua a dom (16h às 21h). Espaço Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163). Grátis

CASA-TEMPO: ASSENTAMENTOS

*O artista visual carioca Thiago Modesto apresenta xilogravuras que retratam o componente rural na ocupação urbana de regiões como Jacarepaguá e a Baixada Fluminense. Até 31/8, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Grátis

PAISAGENS RUMINADAS

*Retrospectiva do artista plástico Luiz Zerbini, considerado um dos mais emblemáticos representantes do movimento conhecido como Geração 80. Até 2/9, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

HUMOR**EU GAGO E ANDO**

*O humorista Gui Albuquerque faz da gagueira ferramenta deste stand-up com histórias hilariantes. Até 30/8, qui e sex (20h). Teatro Ziembinski (Rua Urbano Duarte s/nº - Tijuca). A partir de R\$ 30

INFANTIL**QUEBRA-CABEÇA - EM BUSCA À PEÇA QUE FALTA**

*Juntos, atores e público quebram a cabeça até encontrar a resposta a uma pergunta neste espetáculo interativo com muita improvisação e fantasia. Até 1/9, sáb e dom (16h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

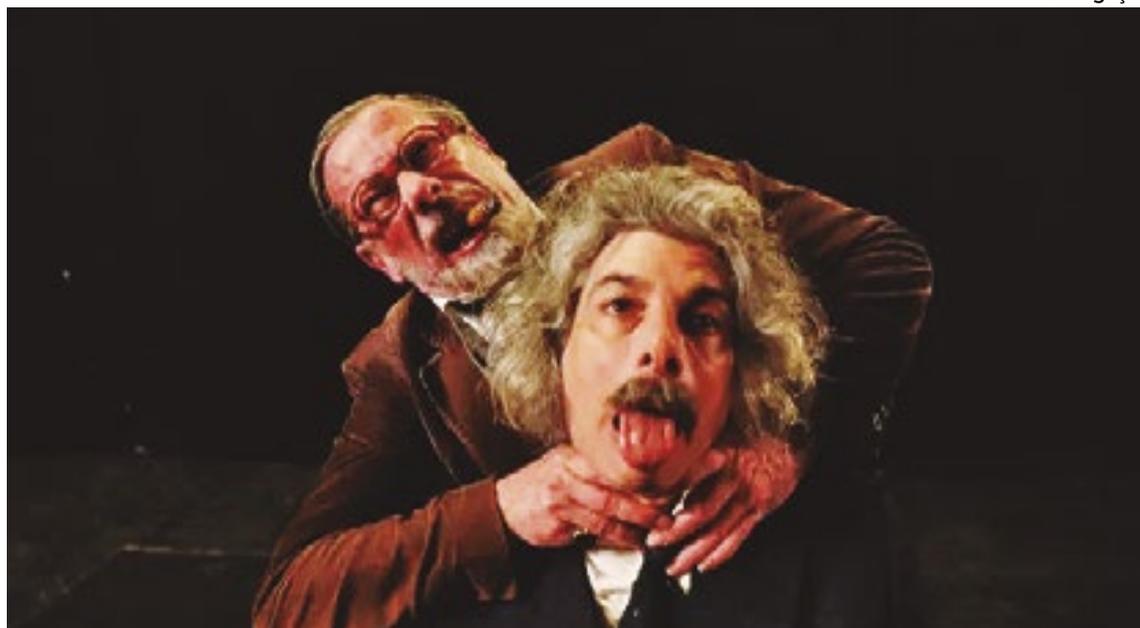
É no domingo que a competição pelo Leão de Ouro de 2024 vai provar do lirismo de Wálter Salles, com a projeção de “Ainda Estou Aqui”, representando o Brasil na competição oficial do 81º Festival de Veneza, que há de ter um sábado conflituoso, em reação à nova peripécia de tons políticos (e poéticos) de Amos Gitai. Nada que o realizador de “Kedma” (2002) e “Kadosh – Laços Sagrados” (1999) passa sem controvérsias, sobretudo em função de suas posições sobre o conflito de sua pátria, Israel, e a Palestina.

Seu espírito polemista se acirrou diante dos últimos meses de intensa tensão entre os dois governos. Só pelo título, “Why War” (“Por que guerra?”), o novo longa-metragem do diretor de 73 anos já promete ir um pouco mais fundo nas feridas da intolerância decorrentes de uma disputa territorial histórica. Esperam-se vaias, protestos e debates dos mais acirrados da sessão de seu filme, escalado para uma projeção hors-concours amanhã, com direito a duas estrelas populares da França, Irène Jacob e Mathieu Amalric, no elenco.

“Transcender a culpa é uma tarefa da estética num cinema que se debruça sobre locais que são soterrados por coberturas midiáticas sensacionalistas. O dilema dos filmes que tento fazer é gerar dialéticas, entendendo que uma região como Israel atrai atenções da mídia estrangeira de maneira exacerbada, num excesso de opiniões que acabam por pasteurizar problemas que nos dividem”, disse Gitai ao Correio da Manhã, em fevereiro, durante a Berlinale, na capital alemã, quando ainda delineava a montagem de “Why War”.

O papo foi interrompido, não por coincidência, pela chegada de

Retóricas de guerra, dialéticas da paz



Divulgação

Freud e Einstein se enfrentam - e se complementam - em ‘Why War’, de Amos Gitai, que Veneza confere fora de concurso neste sábado

Alberto Barbera, o diretor artístico de Veneza, onde os dois travaram uma conversa sobre uma possível atração que o cineasta teria para apresentar na terra das gôndolas. Na ocasião, ele inflamava ânimos no Festival de Berlim com (o divertido) “Shikun”, longa baseado num diálogo com a peça teatral “O Rinoceronte” (1959), de Eugène Ionesco (1909-1994).

“Eu terminei ‘Shikun’ antes das tensões recentes entre Israel e a Palestina alcançarem o lugar de emergência em que chegaram e entreguei o filme a Berlim com a esperança de despertar novas interpretações sobre o que passamos”, diz Gitai, que antecipou à revista “Variety”, a bíblia do entretenimento, o primeiro clip de “Why War”.

Polemista profissional, o israelense Amos Gitai promete inflamar o Festival de Veneza com ‘Why War’, unindo Freud, Susan Sontag, Virginia Woolf e Einstein

Essa produção de 1h30 é inspirada na correspondência entre Albert Einstein (1879-1955) e Sigmund Freud (1856-1939) sobre como a humanidade poderia evitar a guerra. Baseia-se também numa obra de Virginia Woolf (1882-1941), “Three Guineas”, em que a escritora investiga relações de dominação na sexualidade. Tal investigação gerou um ensaio de Susan Sontag (1933-2004), chamado “Regarding the Pain of Others”, sobre a iconografia da guerra. O que Gitai faz é amarrar todas essas referências teóricas.

Numa declaração à imprensa americana, o cineasta falou em conciliações e rupturas: “Gostaria de construir pontes em vez de as queimar. Nós, realizadores,

mas creio que todos os artistas em geral, não devemos nos resignar a divisões. Na Antiguidade, o papel tradicional dos artistas era o de curandeiros. Curar almas. Gostaria de abraçar a ideia do cineasta ou do artista como alguém que cura”, disse Gitai. “Vivi ao lado de divisões étnicas, religiosas e políticas, tentando sempre não me deixar abater. Para mim o cinema tem uma missão cívica. É isso que tento trazer para a minha filmografia. Vivemos num mundo em que o diálogo se tornou cada vez mais complicado e raro, o que favorece posições extremas, como também vemos em muitas partes do mundo. Por isso, (Why War) não é um filme que queira dar uma resposta, mas sim fazer-nos questionar”.

Enquanto enche Veneza de pólvora, Gitai cuida da carreira comercial de “Shikun”, também estrelado por Irène Jacob. Sua trama acompanha situações absurdas de 20 personagens num prédio israelense.

“A maneira com que James Joyce descreve Dublin em seus livros parece um puzzle, quebrando com as convenções descritivas que existiam na literatura antes dele. É uma prova de que a Modernidade é sempre ruptura. Picasso colaborou com isso quebrando a anatomia para além do que as impressões impõem. O cinema veio na sequência, com Chantal Akerman, com Rossellini, com Godard, com Abbas Kiarostami, para desafiar as justaposições. Esses gestos da arte desafiam a ditadura capitalista da fórmula formatada”, diz o diretor. “Como ‘Shikun’ passa por um olhar moderno, o olhar de Ionesco, eu precisava desafiar a ideia de unidade na composição de imagens. O teatro de Ionesco é, em si, um espaço de desterritorialização. Neste momento em que (o primeiro-ministro Benjamin) Netanyahu pode destruir a Israel que conhecemos, um autor que me oferece a desobediência me ajuda a falar de pessoas deslocadas na realidade”.

O Festival de Veneza segue até o dia 7 de setembro, tendo a atriz Isabelle Huppert como presidente do júri oficial, que conta com a participação do cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho (de “Aquarius”).

ENTREVISTA / SUSANNA LIRA, CINEASTA

'Fernanda Young não era uma unanimidade porque falava o que pensava'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Documentarista brasileira mais prolífica da atualidade, com um pé nas séries de streaming e outro em curtas e longas-metragens para a tela grande, Susanna Lira anda às voltas com seu primeiro filme de ficção, "#SalveRosa", já em set. Neste fim de semana, contudo, a diretora de "Damas do Samba" (2013) mantém um olho nos compromissos de rodagem e outro nas salas de exibição que acolhem a estreia de sua expressão poética mais recente: "Fernanda Young, Foge-me Ao Controle".

Ganhador do Prêmio da Crítica no Festival de Paraty, no início de agosto, a produção fez sua primeira exibição no É Tudo Verdade, em abril, e teve apresentação honorária na Caixa Cultural, na última terça, na abertura da mostra Faróis do Cinema. Sua estrutura estética é um turbilhão de colagens, seja de desenhos, fotos, trechos de performances, entrevistas e seriados de TV.

A cada projeção, o longa é abraçado numa unanimidade torta, sintonizada com o espírito cri-cri da romancista, poeta e apresentadora que documenta. Há quem ame o corta-e-cola da narrativa (mais ousada, até hoje) da realizadora de "Torre das Donzelas" (2018), mas se encrespe com a verbosidade filosófica de seu objeto de estudo. O filme fala uma autora que fazia do verbo "irritar" seu aríete. Fernanda morreu em 2019, aos 49 anos, em decorrência de uma crise de asma. Ela dizia que "reclamação é uma forma de otimismo". Era sua forma de se apresentar. Para alguns, isso é indigesto, mas tem quem enxergue fofura numa leva de depoimentos da própria personagem (pois tudo o que se ouve, fora uma ou outra pergunta de Marília Gabriela em arquivos, é em primeira pessoa)



Divulgação

sobre vida familiar e alianças. A mais tocante delas: "Meu marido tem a função de organizar minhas alterações de humor", diz, referindo-se ao companheiro, o publicitário e roteirista Alexandre Machado. Ou seja, é um filme de saldos receptivos antitéticos, mas, é um filme adorável.

Na entrevista a seguir, Susanna analisa a persona de FY.

Que mítica a escritora Fernanda Young criou em torno de sua personalidade e o

que ela simboliza para a sua geração como autora e performer?

Susanna Lira: Eu acho que a Fernanda foi uma voz feminina muito importante especialmente para minha geração. Cheguei a estudar com ela no segundo grau e depois a acompanhar toda a carreira dela. Entrevistei-a logo depois que ela teve suas filhas, gêmeas. Foi um relato sobre as agruras da maternidade de uma honestidade e de uma transparência impressionantes. Sinto que a grande importância dela é exatamente não ter medo

de falar aquilo que a verdade da gente sabe, de tirar esses tabus em torno de assuntos femininos como maternidade. É interessante ver como essa voz feminina corre de uma forma ácida, polêmica, sem o desejo de agradar o tempo inteiro. Ela pagou um preço. Acho que ela não era uma unanimidade, justamente porque ela falava o que pensava. Fernanda foi uma mulher que assustava muita gente, porque a gente sabia que dela viria muita verdade. Tem uma frase no filme de que eu gosto muito: "eu quero ser lambida pela coragem". Essa é a grande mítica em torno dela.

A crítica, de forma quase unânime, vê esse filme sobre Fernanda Young como seu exercício de linguagem mais radical. De que maneira você enxerga, de forma consciente, o lugar desse filme na sua relação de pesquisa com as narrativas documentais?

Há muito tempo eu venho pesquisando linguagem e o longa "Nada Sobre Meu Pai" (lançado no festival É Tudo Verdade em 2023) também é um filme que tem uma linguagem muito específica. Eu já fiz várias biografias e eu queria nessa, nesse novo longa, chegar bem próximo do que seria a Fernanda Young fazendo a própria biografia. Além de usar uma narrativa na primeira pessoa, eu queria evocar a forma que ela tinha de se expressar. A gente mergulhou numa pesquisa para tentar traduzir para o mundo o que era a Fernanda. Eu acho que esse documentário reflete bastante da personalidade dela, esse labirinto caótico, mas, ao mesmo tempo, muito interessante e muito provocador. Esse desafio poético que o filme traz é realmente um passo a mais e eu concordo bastante com a crítica em relação a isso.

Quais são os novos caminhos do seu cinema daqui pra frente, ou seja, que novas frentes estão para se abrir em filmes e séries, em .docs e ficção?

O meu próximo documentário vai ser sobre o Gonzaguinha. Vou fazer um recorte sobre a censura e sobre como ele lidou com essa questão. Neste momento, eu estou filmando "#SalveRosa". É o meu primeiro longa de ficção, embora eu já tenha dirigido duas séries ficcionais. Fui convidada pela produtora Panorâmica para dirigir. É sobre um assunto muito contemporâneo (o fenômeno dos criadores de conteúdo e sua exposição nas redes sociais) e acho que vai ter bastante das minhas inquietudes. É com a Karine Teles e com a Klara Castanho. Estou querendo cada vez mais dirigir ficção. Nunca vou deixar de fazer documentários, mas quero experimentar outras searas também.

ENTREVISTA / PATRICIA NIEDERMEIER, ATRIZ, BAILARINA E CINEASTA

'Nós artistas somos duplamente abismo-espelho'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Imparável no teatro e nas telas, como atriz e também como cineasta, Patrícia Niedermeier é uma artesã de parcerias. Brilhou na criação coletiva com seu companheiro, o diretor Cavi Borges, em vários filmes, como "Reviver" (hoje na grade da plataforma Amazon Prime), e tem dois longas-metragens inéditos, feitos em duo com a coreógrafa Regina Miranda, para lançar: "Ensaio Sobre Yves" e "Mulheres Em Auschwitz - Escritas De Resistencia". Há pouco, o Estação NET Rio exibiu trocas entre ela e o artista visual e realizador Neville D'Almeida.

Essa sua vulcânica produtividade atrás das câmeras, com narrativas ensaísticas sempre calcadas na vertigem do movimento (e da vivência) instigou a curadoria da mostra Faróis do Cinema, hoje em cartaz na Caixa Cultural, a convidá-la para integrar uma retrospectiva de realizadoras do mais alto quilate estético e das mais variadas gerações. O projeto - inspirado no DocBlog, do crítico Carlos Alberto Mattos - contempla vozes autorais de respeito, como Helena Ignez, Theresa Jessouroum, Laís Bodanzky, Luciana Bezerra, Susanna Lira, Ana Maria Magalhães, Marina Meliande, Beth Formaggini, Clarissa Campolina, Aída Marques e Tetê Moraes.

Numa troca com a curadora Mariana Bezerra Cavalcanti, cada uma delas expressa suas inquietações com um filme que dirigiu e com uma referência a artistas que as inspiram, os tais faróis.

Patrícia entra em campo no evento no próximo dia 6, às 15h30, com "Salto no Vazio" (2017), rodado com Cavi, e adotou o cult "As Praias de Agnès" (2008), dirigido por um ícone feminista, a belga Agnès Varda (1928-2019), como um dos estandartes audiovisuais que iluminam seu processo de criação.

Na entrevista a seguir, Patrícia fala de suas pesquisas e de suas descobertas na realização.



Divulgação

A nova edição da mostra Faróis do Cinema revisa várias estéticas femininas essenciais para iluminar a forma de se fazer cinema no Brasil e você faz parte delas, com uma obra híbrida de ensaio, ficção, .doc e dança. Como é se ver ao lado de um time de mulheres cineastas tão plural e tão eclético?

Patrícia Niedermeier: A Faróis do Cinema é um projeto literalmente iluminado. Foi muito enriquecedor mergulhar no conceito de filme farol, no qual pude refletir sobre obras e cineastas que me inspiraram na minha caminhada no cinema. Estou feliz de poder dialogar sobre cinema e criação e ver de perto a obra dessas cineastas fascinantes e transgressoras. Poder dialogar sobre linguagem, escolhas e motivações com elas será uma grande experiência. Esse encontro vai ilumi-

inspirando profundamente. "Se você abrir uma pessoa, irá achar paisagens. Se me abrir, irá achar praias", diz o filme. A possibilidade e a beleza de refazer o percurso da vida e o processo criativo com fotografias, cenas de filmes, entrevistas, lugares, propostas encenadas, criando um poderoso diálogo com as artes visuais. Eu amo a forma autoral e livre com que Varda mistura todos esses recursos.

Qual tem sido o lugar de troca com Regina Miranda? Que filmes vocês têm juntas?

Regina Miranda é uma artista que sempre me inspira e me desafia. Meu encontro com ela foi transformador na minha formação e posso dizer que ela é minha mestra em muitos sentidos. São muitos começos e recomeços, performances e espetáculos em muitos lugares no mundo, e estamos juntas há mais de 20 anos em crescente colaboração e entusiasmo. Em 2021, ela me deu o livro "Imagens Apesar De Tudo", de George Didi-Huberman, e, depois de um tempo de estudo e pesquisa, Regina chegou ao roteiro de "Mulheres Em Auschwitz - Escritas de Resistência". É um roteiro brilhante que ela escreveu sobre as mulheres escritoras do Holocausto. Em tempos de regimes autoritários fascistas, achamos importante falar de direitos humanos e dar voz a essas magníficas escritoras do Holocausto. O filme vai estrear em outubro.

O quanto o ofício de dirigir oxigena a sua forma de atuar e de usar a dança como um de seus elementos criadores?

Meus trabalhos são muito autorais. Gosto das fronteiras fluídas. Sempre trabalhei teatro, dança, performance e tudo misturado. No cinema, não poderia ser diferente. Uso todos esses elementos que fazem parte da minha identidade como artista. O ofício de dirigir me dá mais liberdade de embaralhar tudo. No meu processo de criação, todas as perguntas estão no corpo. Todas as respostas estão no corpo. O corpo, seu diálogo e atravessamento com o espaço, com os outros corpos que se deixam afetar. Levo para meus trabalhos, minhas ideias, minhas alegrias, meus abismos, meu horror e minha luz. O grande poeta e dramaturgo alemão Georg Büchner escreveu numa cena de sua peça "Woyzeck": "Cada ser humano é um abismo e a gente tem vertigens quando se debruça sobre um deles". Acho que nós artistas somos duplamente esse abismo-espelho: como seres humanos e como artistas. Minha missão, principalmente quando estou dirigindo, é provocar vertigem e rever o abismo dentro de cada espectador.

nar minha viagem cinematográfica como é a função dos faróis. Será muito importante também sentir o corpo coletivo da obra de cineastas mulheres contemporâneas e perceber seus questionamentos e inquietações. Apesar das notáveis realizações, elas permanecem pouco conhecidas ou estudadas, numa indicação de que as forças sociais e econômicas mobilizadas contra elas continuam a existir e também se estendem ao campo dos estudos cinematográficos. É fundamental a justa inclusão das mulheres à história do cinema.

Como é que o teu farol na mostra Faróis, a cineasta Agnès Varda, mais te ilumina?

Descobrir algo sobre si mesma, sobre o cinema. Esse é o ponto de partida de "As Praias de Agnès", uma viagem autobiográfica que transita entre o documentário e ficção me

CRÍTICA / FILME / LONGLEGS: VÍNCULO MORTAL

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

De uma quietude acachapante em seu terço inicial, flinando por um terreno espinhoso de viradas de roteiro, “Longlegs: Vínculo Mortal” é uma aula (com direito a nota A, com louvor) de suspense, num ferte bastante equilibrado com o terror. Atraiu atenções da mídia ao virar um sucesso retumbante apesar do orçamento mirrado de que dispôs (US\$ 10 milhões) para ser rodado e fazer publicidade. Arrecadou já US\$ 101 milhões, tornando-se um dos títulos mais rentáveis do ano, apenas no boca a boca, enredando o público e a crítica em igual (e inusitada) medida, sendo comparado a “O Silêncio dos Inocentes” (1991).

Seu diretor é o ator Osgood Perkins, antes notabilizado com “A Enviada do Mal” (2015). Chamava atenção o fato de ser filho do astro Anthony Perkins (1932–1992), o eterno Norman Bates de “Psicose” (1960). Hoje, o que mais atrai a mídia diante de qualquer menção a seu nome é a habilidade que o cineasta teve de realizar um thriller a um só tempo estilizado e sóbrio, de atmosfera sinistra, extraindo de um intérprete de imagem surrada, Nicolas Cage, uma atuação dos diabos – literalmente. Osgood devolveu viço a um mito de trajetória sinuosa.

Associado a narrativas transgressoras no início de sua carreira, entre elas “Coração Selvagem” (Palma de Ouro de 1990), Nicolas Kim Coppola (sobrinho de Francis Ford) assumiu a palavra Cage como seu sobrenome artístico e construiu, ao longo da década de 1990, uma das carreiras mais invejáveis de Hollywood naqueles (e em muitos) anos. Alternando pipocas classe B, protótipos de family film e thrillers desconfortantes, ele viu sua sorte mudar ao conquistar o Oscar por sua sufocante atuação em “Despedida em Las Vegas”, em 1996. Era difícil não sair da sala de exibição devastado pela saga de um roteirista que resolve beber até morrer, apaixonando-se por uma garota de programa em seu calvário. O lema de seu personagem: “A vida tira tudo de alguns a prazo e de outros, como eu, ela tira tudo à vista”. É uma filosofia catastrofista que, associada à imagem inquieta de Cage, ganhava nobreza (e profundidade) na tela.

Foi assim até os estúdios enxergarem nele mais do que uma estrela de títulos provocativos do cinema indie, encarando em seus olhos arregalados um potencial astro de blockbusters. O primeiro arrasa-quarteirão de sua cepa foi “A Rocha” (1996), pérola de



Sob pesada maquiagem, Cage reinventa seus próprios tiques de atuação em ‘Longlegs’

Nicolas Cage fora da gaiola

Michael Bay hoje menos valorizada do que deveria. No ano seguinte, Cage massacrou a concorrência com “Con Air: A Rota da Fuga” e “A Outra Face”, que além de lucrar uma baba, virou cult. Nesse percurso, grandes diretores foram atraídos por seu talento, vide Brian De Palma, Martin Scorsese e Werner Herzog. Ponha nesse bonde ainda Spike Jonze, Ridley Scott e David Gordon Green.

Tudo ia bem até 2011, quando, abalado por problemas pessoais, Cage entrou numa espiral de escolhas infelizes, aceitando roteiros nada sofisticados para manter sua conta bancária no azul. Emplacou acertos sazonais como “Mandy: Sede se Vingança” (2018) e “Pig – A Vingança” (2021), mas nada que chegasse aos pés do êxito (e do refinamento) de “Longlegs”.

Amparado na aeróbica de câmera do diretor de fotografia Andrés Arochi, com direito a planos quadrangulares, supercloses e muita grande angular, “Longlegs” diseca, camada após camada, as angústias existenciais da agente do FBI Lee Harker (Maika Monroe, em febril e inspirada atuação), designada para investigar uma série de mortes brutais alinhadas

vadas símbolos de natureza satânica. Em frias paragens do Oregon, ela vai descobrir o pior de si, de seu passado, de seu ofício, com um complicador a mais em sua rotina: o fato de apresentar um certo grau de clarividência, mais próximo de uma sensitividade. O dom a leva a ter certezas (bem embasadas) onde seus colegas apenas têm suspeitas, mas faz dela um ser estranho em sua corporação.

Rodado em Vancouver, no Canadá, o filme é ambientado por Osgood na era Bill Clinton, ali pelos idos de 1993 ou 1994 (nada é devidamente datado), com um prólogo nos anos 1970, quando Lee é criança. Menina ainda, aos 9 anos, ela travou contato com um sujeito de alvíssima expressão facial, de falar estridente, dado a cantorias e a falas enigmáticas. Tudo leva a crer que esse homem seja Dale Kobble, um satanista que assume a alcunha de Longlegs. Essa criatura, construída no roteiro de Osgood como um monstro com feições de pierrô, arranca de Cage uma interpretação suntuosa, capaz de explorar seus cacoetes de atuação mais irritantes.

Não há certezas de quem Kobble seja ou do que fez, mas ele pode ser a chave para en-

tender uma série de massacres nos quais pais de família são levados a executar sua prole brutalmente (a machadadas até), em circunstâncias que envolvem símbolos ligados ao culto ao Demônio. Cada um desses assassinios envolve clãs nos quais há entre seus integrantes uma menina, mas sempre uma garota prestes a completar 9 anos, e que aniversaria no dia 14 (seja de que mês for). Lee começa a analisar esses códigos mortais sempre pelo prisma da estranheza, até ser contemplada com uma carta do próprio Longlegs. A partir dessa correspondência, ela se dá conta de que pode ser parte daquele esquema diabólico. Só lhe resta, a contragosto, acionar sua mãe, figura soturna em seu fervor religioso, chamada Ruth, e vivida com sutileza por Alicia Witt.

Essa personagem redesenha a trama de Osgood para si, em uma das muitas (e surpreendentes) reviravoltas, da qual nada se deve falar, para deixar a plateia descobrir por si os segredos do enredo – e se deleitar com eles. A maior solidez do cineasta é abrir um debate sobre a adoração do Mal numa sociedade tão belicosa quanto a americana.

CRÍTICA / LIVROS



Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Duas senhoras europeias vêm entusiasmando leitores do mundo todo com histórias sobre a alma feminina e os preconceitos que cercam mulheres. Em artigo no jornal *La Stampa*, a romancista italiana Donatella di Pietrantonio, de 62 anos, discorre sobre “O Lugar” (Fósforo, R\$ 55,90), da francesa Annie Ernaux, de 83. E embora o etarismo continue privilegiando as inovações de jovens autores, essas duas idosas do século passado encantam diversas gerações pela capacidade de transformar a reflexão do passado em discussão sobre o presente.

Annie Ernaux ganhou o Nobel de Literatura em 2022, “pela coragem e acuidade clínica com que descortina as raízes, os estranhamentos e os constrangimentos coletivos da memória pessoal”, segundo divulgou a Academia Sueca. Já Donatella acaba de receber o Strega, maior prêmio literário da Itália, por seu romance “L’età Fragile” (A idade frágil), inédito no Brasil. Dela, por aqui, só saiu “A Devolvida” (Faro Editorial, R\$ 49,90), em 2019, a intrigante história de uma menina cujos pais adotivos entregam de volta para a família biológica.

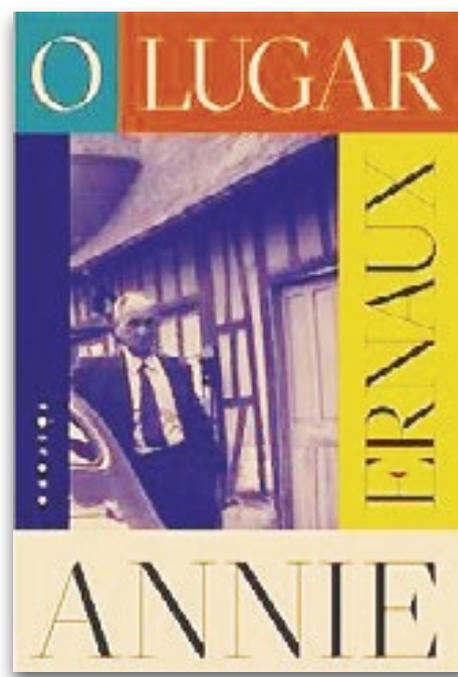
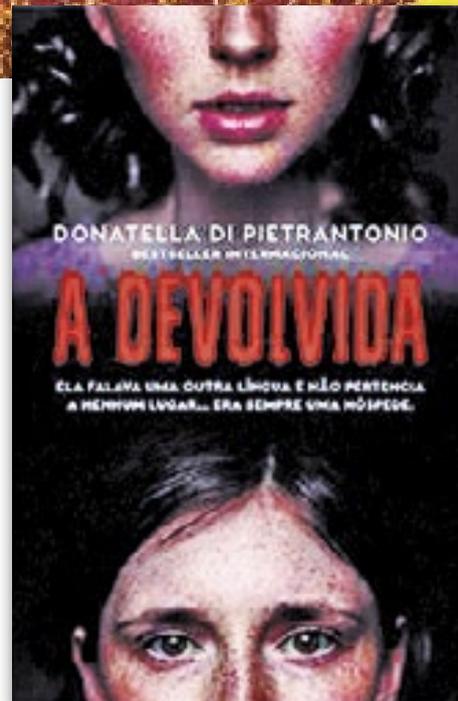
Ernaux ficou conhecida pelo público brasileiro pouco antes de ganhar o Nobel. Desde então, seus romances autoficcionais têm sido lançados aqui com regularidade. Muitos têm poucas páginas, como “O Lugar”, em que aborda o constrangimento experimentado diante de sua própria origem. Depois de as-



Com suas obras, a francesa Annie Ernaux e a italiana Donatella di Pietrantonio (de óculos) encantam diversas gerações pela capacidade de transformar a reflexão do passado em discussão sobre o presente



cender da classe média baixa ao abraçar o magistério, ela admite se envergonhar dos pais, pequenos comerciantes sem instrução. Seus textos têm cuidado quase científico, embora versem sobre o dileto tema de sua vida, amores, experiências, sentimentos, aborto, câncer, paixões. A personagem é distante, solitária, sofrida, autoconstruída na busca do conhecimento e rejeição à família original, com uma autossuficiência analítica que beira a arrogância. Uma vida devotada à arte ou a arte que se transformou em vida, talvez.



Enquanto Ernaux diz que seu desejo de escrever foi a necessidade de representar fielmente o feminino na literatura, com a autenticidade que jamais encontrou nos autores homens, Donatella pretende, através de sua obra, defender os direitos pela qual sua geração de mulheres lutou arduamente e que hoje não são mais considerados garantidos. Ela vive na região de Abruzzo, onde nasceu, e ainda exerce a profissão de dentista. Escolheu permanecer distante do centro literário do país, criando histórias baseadas em situações universais, como os assassinatos de duas jovens, durante uma excursão, em 1997, que ela relembra em “L’età Fragile”. A menção ao crime questiona a idealizada segurança das pequenas localidades, além de ter como pano de fundo a violência de gênero e o medo perpétuo das famílias diante do “perigo lá fora”. A convivência com o trauma e a insegurança ultrapassam o período de interesse da mídia pelo crime, que não acompanha a retomada do dia a dia dos que sobrevivem.

No artigo, Donatella reflete a respeito de sua criação, seguindo experiências descritas por Ernaux. O afastamento da francesa do pai se dá a partir da adolescência, quando adquire consciência sobre o que o conhecimento poderá lhe proporcionar. A italiana também buscou preparo profissional bem diverso de sua família camponesa, porém permanecendo próxima dela. “Talvez tenha me livrado desse mundo ancestral contra o qual lutei por dentro, mas permaneci em órbita”, diz, reconhecendo a rotina dura da família em sua infância - a mãe sempre trabalhando, sem tempo para dar carinho à filha.

Lipe Borges/Divulgação



Casa Ueda

Eduardo Guedes/Divulgação



Câm O'n Thai Food

CÂM O'N THAI FOOD - Entre as novidades do menu 2024, assinado pela chef Ana Carolina Garcia, está o T.F.C. (R\$ 42), também chamado de Thai Fried Chicken ou Gai Tod, em tailandês. Trata-se de um frango frito glaceado em um exclusivo molho tailandês agri-doce e picante, feito de forma artesanal na cozinha dos restaurantes, com uma base de tamarindo importado da Tailândia. Para finalizar amendoim picado, cebolinha e pickles de pimenta dedo-de-moça. Humaitá: Rua Visconde de Caravelas, 111 | Downtown: Av. das Américas, 500 bloco 9 - loja 113 - Barra da Tijuca. Tel.: (21) 97360-0844.

Divulgação



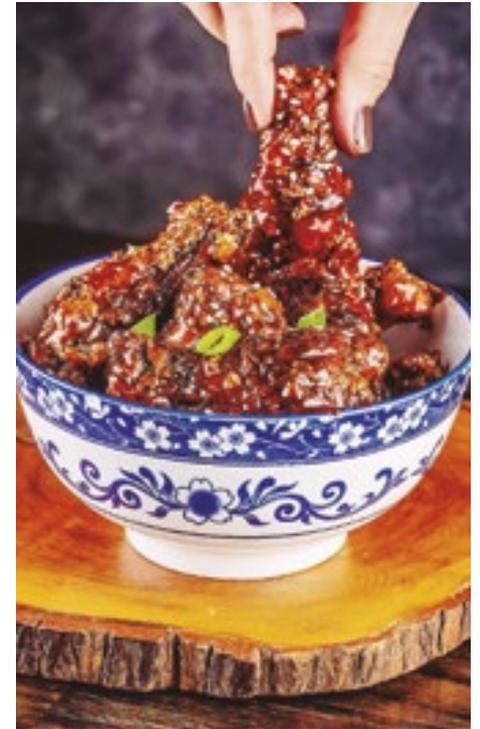
Sel d'Ipanema

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Si-chou

Divulgação



Os Imortais

Foto Arch Studio/Divulgação



Jappa da Quitanda

Soltando a franga

Veja um roteiro de frangos fritos caramelizados nos restaurantes cariocas

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Se você pensa que a coxinha de frango, os pastéis ou bolinhas de queijo são considerados a melhor fritura do mundo, está redondamente enganado. Para o TasteAtlas, guia gastronômico on-line de extrema relevância mundial, o chikin, o famoso frango frito coreano, ocupa primeira posição no ranking. Carro-chefe das entradinhas dos restaurantes asiáticos, as coxinhas de frango frito são glaceadas, crocantes e levemente apimentadas. Se você já ficou com água na boca, confira abaixo as diferentes versões adaptadas do prato, oferecidas nos restaurantes cariocas.

CASA UEDA - Sob o comando do chef Eric Ueda, o restaurante, especializada em gastronomia nipônica, aguça o paladar dos comensais com deliciosas sugestões, como o Tori Kaarage (R\$ 30 - porção). O famoso frango a passarinho japonês é temperado com especiarias e coberto por maionese da casa e tarê. Rua Hans Staden, 10 - Botafogo. Telefone: (21) 96633-4907.

JAPPA DA QUITANDA - A unidade de Copacabana do restaurante japonês está com novidades no menu: o KFC

do Jappa (R\$ 30). Uma porção de frango agri-doce crocante com gergelim e molho KFC do Jappa. Av. Nossa Sra. de Copacabana, 920. Tel.: (21) 99375-9731.

OS IMORTAIS - No cardápio do bar, em Copacabana, é possível encontrar o Frango K-Pop (R\$ 51), drumetes ao estilo coreano. Rua Ronald de Carvalho, 147 - Copacabana. Tel.: (21) 3563-8959.

SEL D'IPANEMA - No quiosque, localizado em frente à praia de Ipanema,

é possível encontrar no cardápio o Pollo Melado (R\$ 65), frango frito com molho barbecue mexicano, repolho e sour cream. Av. Vieira Souto na altura da Rua Maria Quitéria, Quisque 11.

SI-CHOU - No restaurante asiático do chef Elia Schramm o comensal encontra no cardápio o KFC (R\$ 42), leva uma porção de frango frito à moda coreana com molho agri-doce levemente picante, amendoim tostado, gergelim e cebolinha. Rua Barão da Torre, 472 - Ipanema. Tel.: (21) 2524-3711.

Longos dias

Longos dias à espera do 'amanhã'.
Muito mudou, nada mudou e pergunto: algo mudará?

Como ouvi de Nélida Piñon, em entrevista a querida e saudosa jornalista Anna Ramalho, comentando sobre seu adorado Gravetinho Piñon, seu cão-gourmet da raça pinscher: "Eduquei-o a ser mal-educado". Acredito que vivemos nestes tempos assim desta forma; um mundo de má educação e total indiferença ao próximo.

Alguns, valorizaram muito mais o egoísmo, a ganância, a disputa pelo poder, a mais-valia, a carteirada, do que a natureza de ser feliz.

Os dias têm amanhecido mais cedo! Nesta quinta, às 5h22 já havia luz no firmamento, mas os raios do Astro-Rei davam impressão de bombardeios, de fumaça de mísseis misteriosos.

Lembrei-me de Hiroshima, triste lembrança, talvez uma má recordação. São 79 anos de dor em que, como poetizou Vininha, "...Penso nas crianças / Mudadas, Telepáticas / Penso nas meninas / Cegas, inexatas..."

Os pássaros de aço, cada dia mais, tiram o espaço das fragatas bailarinas, elas sequer se fazem presentes pelos céus cariocas.

A bolha de sabão incandescente, explodiu em luz e cor em seu malabarismo espinhaço acima. São sóis nascidos em esperanças. Voltas em Baden: "...Voltei / A lembrança pedia / Pra eu voltar / A saudade mandava / Me chamar / E quando bate a saudade / Eu retorno / De onde estiver..."

O bondinho, em um vai e vem frenético, se equilibra na highline, imita a dançarina que chega beijando o funcionário que sai.

Como o professor Pasquale Cipro que, debrua seu 'tira-dúvidas' diário pela CBN, lembro dos irmãos e Nelsinho Motta: "...Hoje é um novo dia / De um novo tempo que começou..."

Que estes novos tempos sejam de reflexão.

Que o novo seja esperança...
Seja Sol de primavera.

